

Pelas costas da África andamos certamente esses séculos demorados, mas no interior dela, antes da Conferência de Berlim, não exercíamos a ocupação, nem outra potência europeia o fizera. Os meios científicos e técnicos necessários para vencer a adversidade do ambiente, não estavam até então ao dispor dos ocidentais. Para o interior, as potências marcharam ao mesmo tempo e, descontando os anos da luta e da implantação real da soberania, a acção colonizadora durou pouco mais de meio século.

Não só por isso, mas também por isso, a obra é espantosa no que toca ao desenvolvimento material: mas é sobretudo notável a marca deixada na personalidade básica dos povos e no espírito dos homens por onde a maneira portuguesa de estar no mundo circulou. Tendo em conta o passivo de todo o processo colonizador, a violência do processo de separação, e o curto tempo, é de maravilhar a dimensão e valia do património cultural implantado. As queixas e a cooperação, o passado e o futuro, são discutidos na mesma língua, referidos a uma história irremediavelmente comum, onde as grandezas e as fragilidades se misturam. A batalha da autenticidade foi muitas vezes perdida. Mas a guerra da esperança pode e deve ser ganha.

ADRIANO MOREIRA

Responsabilidades Missionárias das Comunidades Eclesiais: «Novo Advento Missionário»

Ser missionário é convidar os fiéis e os infiéis a virem à Igreja e esperá-los aí para os instruir na Fé e lhes ministrar todos os auxílios espirituais. Mas não é só isso. É sair fora da residência e da Igreja para ir às escolas e aos postos de catequese e ensinar por si e pelas pessoas capazes de tais ministérios as verdades religiosas às almas carecidas delas. Ainda não é só isso. Ser missionário é ir ao encontro dos homens pelos caminhos, pelas povoações e pelas aldeias, surpreendê-los sós ou em reuniões, bater-lhes à porta de casa, das palhotas e de toda a espécie de habitação e empregar junto deles todos os meios que o zelo prudente e iluminado sugerir afim de lhes revelar o conhecimento de Deus e de Jesus Cristo. É, em todo o momento, tirar partido de tudo, das palavras, das conversações, das atitudes, das visitas, do trabalho e do descanso para cativar os corações e os encaminhar para Deus. Há sermões eloquentes, de profunda repercussão nas almas, proferidos com um silêncio de palavras, com um caminhar modesto, com um gesto de mortificação, com um acto de paciência e com pequenos rasgos de caridade. Ser missionário não é fechar-se em casa nem confinar a sua actividade a uma ovelha fiel mas deixar esta, por algum tempo, e ir em busca das outras noventa e nove que não pertencem ainda ao redil de Cristo.

Como em tudo ainda aqui o vosso modelo é Jesus Cristo.

(S. SOARES DE RESENDE, *O padre missionário*, Beira 1944, 42)

Quis iniciar com este texto do grande missionário do nosso tempo, como o foi D. Sebastião Soares de Resende, para dedicar esta intervenção a todos os missionários desta diocese do Porto.

INTRODUÇÃO

A actividade missionária receberá certamente mais um impulso vigoroso com a nova encíclica, publicada com data de 7 de Dezembro de 1990 e dada a conhecer há cerca de 15 dias em Roma. João Paulo II assume um tom de esperança e pede um novo advento missionário, após 25 anos da publicação do Decreto sobre a actividade missionária *Ad Gentes*. Convida a Igreja a um «renovado compromisso missionário»¹, porque considera ser este o maior desafio para a Igreja e o «primeiro serviço que ela tem a prestar a cada homem e à humanidade inteira no mundo actual»².

A primeira tarefa da missão é a edificação da Igreja local. Quando a Igreja toma consciência da amplidão da incredulidade moderna, como também da vitalidade das grandes religiões e do pulular das seitas, quando dá conta que no vasto mundo, que Deus ama, ela é minoritária, qual será a primeira tarefa missionária? Hoje que as jovens Igrejas começam a tomar um pouco a sua parte na tarefa missionária, descobrem-se novos espaços, muito diversificados, por evangelizar. Basta lembrar a Ásia. Mas toda a Igreja se põe em estado de missão. Os grandes textos católicos oficiais pós II Concílio do Vaticano convidam a Igreja a organizar a pastoral em função da sua dimensão missionária. É aliás, o que diz o Papa: «a missão renova a igreja, vigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. E dando fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos encontrará inspiração e apoio no empenho pela missão universal»³.

De facto, com o Concílio assistimos a uma mutação profunda da consciência missionária da Igreja. Apareceram palavras novas, desapareceram do vocabulário outras. A palavra *missão* foi substituída por *jovens igrejas*. A palavra «*evangelização*» ganhou todo o terreno, fazendo a palavra *missões* passar pelo purgatório e ressurgir só no singular.

O empenhamento dos missionários nas tarefas educativas, culturais, e até económicas chamou-se «desenvolvimento», depois passou a ser *libertação*, evocadora de mudanças revolucionárias, e noutros lugares *promoção humana*, expressão mais neutra; e, agora recentemente, tomou o nome de *solidariedade*.

¹ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Missio* (7-12-1990) n. 2: *AAS* 83 (1991) 250-251. Citaremos simplesmente RM.

² *Ibid.*

³ *Ibid.*

A adaptação foi substituída pela *indigenização*, *aculturação*, *contextualização* e finalmente *inculturação*,⁴ que já começa a ser deixada em favor de evangelização das culturas.

Todo este morrer e erguer de palavras esconde um modo novo de «fazer Igreja». São os «novos ministérios», animadores de comunidades. É o surgir e vingar das comunidades eclesiais de base, consagradas e incentivadas no texto da nova encíclica.

O Decreto *Ad Gentes*, que se comemora no 25.º Aniversário, marca uma percepção nova, preparada por um movimento missiológico, com a sua idade de ouro entre as duas guerras⁵. A grande dificuldade, e que fez da elaboração deste decreto um dos mais agitados do Concílio, é esta: para o Evangelho ser pertinente no mundo há que procurar maior autenticidade eclesial. Aí está a grande dificuldade!

Por isso daremos nesta intervenção espaço predominante à dimensão missionária da pastoral da Igreja particular, aqui situada. Sinto urgência interior por esta perspectiva e ao mesmo tempo não é por nada que a sinto. Isto certamente porque a cooperação com a missão divina é um dom que Deus faz à Igreja. Não é empenhamento que a Igreja se dá. «É *impulsionada pelo Espírito Santo*»⁶, a cooperar para que seja executado o plano de *Deus*, que constitui *Cristo* princípio de salvação para o mundo inteiro⁷. Como a vida da Igreja, enquanto comunhão trinitária, é dom, assim a missão é dom. É, exactamente por isso, uma responsabilidade muito exigente. O empenhamento missionário para a Igreja não é facultativo nem jurídico. É uma exigência e uma consequência de vida que continuamente recebe.

A Igreja para «oferecer a todos o mistério da salvação e a vida que Deus trouxe ao homem» deve procurar seguir o método de Cristo, através da sua encarnação⁸.

A sociedade actual não recusa geralmente Deus, mas as nossas explicações sobre Deus, que às vezes nem a nós dizem muito. Que experiência temos deste silêncio e ausência de Deus para podermos ser companheiros da gente do nosso tempo?

⁴ Cf. P. TIHON, *Des Missions à la Mission. La problématique missionnaire depuis Vatican II*, in *NRT* 107 (1985) 520-521. Para maior bibliografia e uma visão de conjunto da temática ver: J. MASSON, *Mission*, in *Diccionario Teologico Interdisciplinar*, III, Salamanca: Sigueme, 1982, 529-544.

⁵ Cf. E. BORDA, *Reflexiones sobre la teología de la misión en el XXV aniversario del Decreto «Ad Gentes»*, in *Scripta Theologica* 22 (1990) 843-861.

⁶ Cf. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, n. 17.

⁷ *Ibid.*

⁸ Cf. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO, Decr. *Ad Gentes*, n. 10.

Antes de partilhar convosco alguns pontos de reflexão, agora iluminados pela luz da *Redemptoris Missio*, pontos a que chamei caminhos urgentes de uma pastoral com dimensão missionária, convido-vos a visitar a história para descobrir como a Igreja pode aprender no tempo, pela sintonia com o anunciador e pelos erros do insucesso, a fidelidade à mensagem evangélica.

1. Passos da História da Teologia Missionária: Educação para a fidelidade à mensagem evangélica

O fundamento e a fonte da missão da Igreja é a SS.^{ma} Trindade. Esta é também o fim último da missão: o acesso à salvação, à comunhão eterna com o mistério de Deus uno e trino.

A razão de ser da Igreja é o anúncio do Evangelho; anúncio desta fonte de amor concretizada na missão de Cristo e do Espírito a toda a humanidade. Procuremos os percursos que o Espírito traçou na história, pela atenção aos fins imediatos de implantação de Igreja. E neste momento de encruzilhada que atravessamos, limpemos o olhar, disposto às inumeráveis vias que a fidelidade ao tempo nos exige.

A fidelidade absoluta de Jesus ao Pai em obediência filial incomparável é característica fundamental da sua missão. Ele vive vencendo as tentações em fidelidade até à morte, sem ceder às provocações de vitória imediata⁹.

Se a experiência prossegue é fruto da missão divina, da acção evangelizadora de Jesus continuada pelos Doze. Assim foge do eclesiocentrismo. A Igreja é serva da luz de Cristo, como veremos nestes passos da história.

1.1. Da era apostólica à época medieval

A expansão do cristianismo das origens foi um acontecimento histórico dos mais impressionantes e significativos do mundo. Senão reparem: o Budismo atrai os povos do Oriente, das Índias ao Japão no decurso de um milénio. O Islão subjogou as populações a sul do mar Mediterrâneo através de campanhas militares e religiosas. Mas o cristianismo difundiu-se em todas as raças e nações mediante a actividade missionária que dura 2.000 anos. As tentativas de força foram episódicas e claramente contraproducentes.

⁹ Cf. Adam WOLANIN, *Teologia della missione: Temi scelti*, Casale Monferrato: Ed. Piemme, 1989, 61.

A história da Igreja missionária começa no dia de Pentecostes, prossegue no ministério de Pedro e dos Apóstolos, atinge o cume nas viagens missionárias de Paulo que levou o nome de Cristo aos maiores centros de cultura grega¹⁰. Do particularismo judaico passa-se ao universalismo entre os pagãos com base em Antioquia e depois, a partir do ano 60, por todo o Império.

O conteúdo e método da evangelização eram animados sobretudo por um forte empenhamento missionário, baseado sobre intensa catequese, catecumenado e iniciação sacramental gradual. A missão soube adaptar-se com inteligência às circunstâncias e ambientes. S. Paulo «fez-se tudo para todos», S. João cristianizou de certo modo o conceito de Logos e os Padres da Igreja inculturaram a fé cristã ao ambiente helenístico. A partir do século IV a evangelização foi-se afirmando nas zonas rurais. Lembremos só S. Martinho de Tours (+397) para o ocidente, Úlfila (+383) entre os Godos, S. Patrício apóstolo da Irlanda e S. Bento (+540), pai dos monges missionários. Até ao século VI as sedes episcopais foram centros de irradiação do Evangelho e os bispos, muitas vezes de procedência monástica, os promotores desta actividade.

A época medieval compreende a acção missionária na Europa e no Oriente. Na Europa inclui várias ondas: a primeira é a conversão dos Francos, Burgúndios, Suevos e Visigodos, por iniciativa dos bispos locais. Surge o perigo do nascimento de Igrejas nacionais.

A segunda consiste na conversão dos Anglosaxões e Lombardos por obra do Papado que se serve de monges. É a célebre missão promovida por Gregório Magno (+604) com 40 beneditinos enviados a Inglaterra. O Papa toma as rédeas da evangelização e pede que não se destruam os templos mas somente os ídolos.

A terceira onda é dirigida para a Europa Setentrional: emerge a figura de S. Bonifácio (+754) apóstolo da Alemanha. S. Ansgário evangeliza a Dinamarca, e na Noruega o cristianismo é imposto pelos príncipes Vikings.

Uma quarta onda, ainda, alcança os Eslavos ocidentais com S. Círiilo e Metódio (séc. IX). Nesta empresa intervêm o Império Bizantino, o patriarcado de Constantinopla, a Santa Sé e o episcopado ocidental. A proclamação destes dois missionários como patronos

¹⁰ Sobre a acção de S. Paulo ver: Pietro SESSOLO, *Strategia e metodo nell'opera missionaria di San Paolo*, in *Euntes et docete* 35 (1982) 225-232. Para uma síntese bíblica e histórica ver o amplo artigo de vários colaboradores *Mission et missions*, in *Dict. de Spiritualité*, vol. X, Paris: Beauchesne, 1980, 1349-1404.

da Europa juntamente com S. Bento sublinha a centralidade da evangelização na origem e no processo de formação do continente europeu, com cultura e unidade territorial.

A cristandade medieval desenvolve-se numa civilização resultante da fusão de elementos bizantinos, germânicos, romanos e eslavos.

O lamentável cisma do séc. IX quebrou a força missionária para o Oriente porque esta Igreja estava muito debilitada por querelas internas para poder lançar-se na obra evangelizadora junto dos povos árabes. Só os missionários nestorianos chegaram aos confins da China.

Há que reconhecer, no entanto, que se a síntese entre cristianismo e germanismo foi facilitada pela crise dos povos germânicos realçando a superioridade do cristianismo, ao contrário os muçulmanos sentiam-se superiores aos cristãos, o que explica o falhanço da acção missionária no Oriente.

As primeiras tentativas da cristandade medieval no mundo extra-europeu verificaram-se depois das conquistas árabes e das invasões dos mongóis. Era a defesa da cristandade, que levou a uma tríplice actividade missionária:

— a pregação das cruzadas para libertar com as armas os lugares santos (1095-1274);

— as expedições diplomáticas junto dos mongóis para os converter à fé (séc. XIII);

— envio de missionários e de apóstolos aos povos da Ásia.

Houve progressiva mudança de estratégia missionária por parte do Papado: da guerra à diplomacia, da diplomacia ao anúncio evangélico. Os resultados foram passageiros. Franciscanos, Dominicanos e outros pregadores do Evangelho chegaram a erguer um arcebispado e dez bispados na China e a fundar dioceses também na Pérsia, Turquestão e Índia. Os descendentes de Gengis Kán ainda toleraram a expansão do cristianismo, mas as invasões do Tamerlão (1405) destruíram todos os vestígios.

1.2. *Das missões do séc. XVI à criação da «Propaganda Fide»*

O encontrar do novo mundo pelos navegadores portugueses e espanhóis abriu a era moderna da história missionária. Começa a evangelização da América Latina e inicia-se a colaboração entre a Igreja e os Estados. A Santa Sé concede aos reis e soberanos muitos privilégios, reconhecendo o Padroado. Nasce em problemas políticos, culturais, jurídicos. A relação entre a colonização ávida,

a missão evangélica e a controvérsia religioso-cultural dos ritos são momentos vivos.

Os protagonistas desta nova onda na América latina, no Extremo-Oriente e na África são os membros das ordens religiosas e dos clérigos regulares, especialmente Jesuítas.

Não saliento nomes deste gigantesco trabalho missionário. São novas as orientações, com o apoio do Papado. Famosos documentos na intervenção da propagação da fé, são a defesa dos índios feita por Paulo III, em 1537 e 1547; bem como a reivindicação da dignidade humana quando se desenvolveu o comércio de negros (calcula-se que foram deportados de África para a América cerca de 40 milhões de pessoas!).

Com a alteração das condições políticas na Península Ibérica, e a entrada doutras nações europeias no campo das conquistas coloniais, há nova mudança e revela-se a deficiência do sistema cooperante entre trono e altar. Sente-se a necessidade da intervenção do Papado para coordenar e promover as iniciativas. A corrente que defende a libertação das missões do influxo político vence e funda-se, para concretizar essa perspectiva, a Congregação da *Propaganda Fide*, em 1622. É hoje Congregação para a Evangelização dos Povos. A ideia vinha amadurecendo desde há muito. Já Raimundo Lullo no fim do séc. XV, sugeria a instituição de um centro missionário em Roma para o plano coordenado da evangelização. Muitas tentativas se lançaram, mas só vigoraria com o papa Gregório XV, em 1622.

As linhas de fundo de actuação da *Propaganda Fide* foram: «transformar as Missões de fenómeno de tipo colonial em movimento de carácter religioso; libertar os missionários de qualquer ingerência política; favorecer a formação de vocações indígenas; respeitar as tradições e culturas dos povos; lançar um programa unitário de trabalho missionário»¹¹. A criação desta instituição foi um passo enorme na causa da evangelização do mundo, apesar dos obstáculos que adviriam: contrastes acerca dos ritos chineses e malabares, as reacções na Ásia contra o colonialismo e consequente missão europeia, a diminuição do pessoal missionário com a extinção das ordens religiosas, a descristianização das nações europeias com o iluminismo, a revolução francesa com a confiscação dos bens da Congregação feita por Napoleão. O séc. XVIII foi de decadência na

¹¹ A. M. BRBA, *Storia della Chiesa missionaria*, in *Missionologia oggi*. Roma: P. Univ. Urbaniana, 1985, 135. Ver também P. HÜNERMANN, *Evangelización y cultura en la historia de la Iglesia*, in *Stromata* 41 (1985) 173-196.

perspectiva missionária, por vários motivos, entre os quais: a crise religiosa com o jansenismo e o galicanismo, o racionalismo crescente e carácter frívolo da época. As divisões internas e a vida pouco evangélica nunca favoreceram a acção missionária¹².

1.3. *Do renascimento missionário do séc. XIX às grandes encíclicas missionárias do séc. XX*

Com o pontificado de Gregório XVI (1831-1846) abre-se uma nova etapa na história das missões. Há um esforço inédito pela cristianização do mundo e um activo apostolado missionário. Como se compreende? O despertar religioso de toda a Europa assecundado pelo movimento romântico, pelo gosto das tradições, pelo ultramontanismo, pela restauração do «ancien régime» e pela autoridade do Papado são o ambiente para o surgir de numerosas associações missionárias, já na 1.^a metade do século, e para a formação de novos Institutos missionários. Espiritanos (1803), Congregação dos Sagrados Corações (1805), Maristas (1824), Combonianos (1867), Sociedade do Verbo Divino (1875), Padres Brancos (1892), Consolata (1901).

Entram em acção as congregações religiosas femininas com páginas heróicas na África e na Oceânia. Salientam-se as Irmãs de S. José de Cluny (1806). Os Jesuítas, refeitos, reentram, em força e em massa no campo missionário. (Em 1850 serão mais de 1.000 nas missões).

As explorações geográficas, empresas comerciais, iniciativas humanitárias e o movimento antiesclavagista abriram novos horizontes e despertaram energias.

Com o florescer deste movimento missionário nasce a nova ciência da Missiologia, que deseja estudar cientificamente os problemas e a metodologia da evangelização nos nossos dias. A vida precede e estimula a doutrina.

No séc. XX a acção do Papado é cada vez mais incisiva e eficaz. Desde a *Maximum Illud* de 1919, qual «magna carta» das missões modernas, são publicadas várias encíclicas. Uma pelo Papa Pio XI, o Papa das missões, (*Rerum Ecclesia*, 28-2-1929), três por Pio XII (*Saeculo exeunte*, 13-6-1941/*Evangelii praeco*nes 2-6-1951/*Fidei donum*, 21-4-1957), uma pelo Papa João XXIII (*Princeps Pastorum* 28-11-1959), que com a convocação do Concílio

¹² Para uma visão mais crítica deste período ver: J. L. ILLANES, *Eclesiología y misionología en el siglo XVIII*, in *Scripta theologica* 17 (1985) 121-148.

pôs toda a Igreja em estado de missão, apesar da segunda guerra mundial trazer consequências negativas.

1.4. *Impulso dado pelo decreto Ad Gentes e crise pós-conciliar*

O Concílio aprofundou o carácter essencialmente missionário da Igreja. A 7 de Dezembro de 1965 é emanado o decreto *Ad Gentes*¹³.

É um documento inspirador para quem vive empenhado no campo da evangelização.

É denso o capítulo doutrinal, que faltava em muitos compêndios de missiologia (ou missiologia, como se dizia). Alimenta-se na Escritura e na Tradição e mostra a face de uma Igreja cuidadosa para ser um instrumento ao serviço do amor trinitário.

A debatida questão da natureza da Igreja tem resposta no n.º 5. A missão não visa principalmente o «estabelecimento da Igreja», mas a participação no mistério de Cristo». Não se trata apenas de implantação mas de evangelização: fazer nascer uma comunidade viva. A missão não se reduz a territórios geográficos, mas abarca também espaços humanos. Aqui a Acção Católica desempenhou tarefa essencial.

Ad Gentes descreve, depois, as etapas da actividade missionária: testemunho de vida, «estar com», revalorização do catecumendo, realce do papel dos catequistas, como ministério próximo do modelo do evangelista ou chefe de comunidade. Outro ponto significativo nesta releitura é a descrição das «jovens igrejas», implantadas mas não totalmente fundadas. A Igreja segundo *Ad Gentes* mostra-se madura quando é capaz de assumir a tarefa evangelizadora fora da comunidade. Abre na história missionária uma fase inovadora de reciprocidade. Inicia-se a época em que poderemos ver missionários das jovens igrejas enviados às nossas velhas cristandades, já implantadas mas muitas vezes pouco amadurecidas.

O decreto define o papel específico do missionário em relação ao dever de qualquer baptizado e evidencia que a missão não diz respeito somente às instâncias romanas da Congregação para a Evangelização dos Povos (antiga *Propaganda Fide*) mas à Igreja inteira, particularmente ao Colégio Episcopal.

¹³ Cf. V. GARAYGORDOBIL, *Las misiones en el Concilio y repercusiones postconciliares*, in *Lumen* 35 (Madrid 1986) 301-321.

Resumindo, «*Ad Gentes* resolveu uma série de problemas litigiosos»¹⁴. Tomava partido pela necessidade da tarefa missionária, clarificava a noção específica de missão afirmando a responsabilidade missionária de toda a Igreja, redefinía o papel da *Propaganda*, visava suprimir os territórios confiados a um Instituto para os substituir, desde que possível, pelas Igrejas locais¹⁵. À distância vê-se melhor o que significou este Decreto como viragem. Agora não é Roma que envia e governa directamente todas as missões. Deixa de ser uma reserva para ser aberta a todo o Colégio Episcopal, o que conduziu a novas perspectivas, suscitou novas experiências e levantou novas questões. Há também limites muito normais: o contexto anunciou uma crise da missão clássica. Por exemplo, o fenómeno da descolonização não foi reflectido. Uma certa ambiguidade do conceito de missão em terras longínquas é esclarecido só agora pela carta encíclica de João Paulo II. Mas fique o positivo: abre a idade da reciprocidade e ultrapassa a oposição entre dois tipos de Igreja.

1.5. *Notas de missiologia contemporânea*

Nos últimos decénios o quadro das missões aparece extremamente diversificado, denso de interrogações e em revolução. Há uma complexidade dada pelo alargamento dos problemas e pelo pluralismo cultural com que deve medir-se¹⁶.

O Sínodo de 1974 foi um momento alto de debate sobre a evangelização, coroado com um espantoso documento como é a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dez. 1975).

Estes vinte e cinco anos deram lugar à auto-crítica das missões coloniais. A descolonização trouxe muitos missionários de regresso. As condições dos que ficaram não foram fáceis. O número de vocações diminuiu drasticamente por todo o lado e assistiu-se à crise da própria ideia de missão. A urgência do desenvolvimento foi tarefa bem comprometedora e página linda da história missionária, apesar da desilusão dos fins dos anos 70 porque a luta contra a miséria precisava de outra organicidade. Pouco contava a independência política permanecendo na dependência

¹⁴ TIHON, *Des Missions*, 533.

¹⁵ Cf. *Ibid.*, 533-534.

¹⁶ Significativo na abertura de perspectivas é o pequeno livro: *Antropologia e missionari a confronto*. A cura di U. Casalegno, Roma, LAS, 1988. 127 p. com a colaboração de A. COLAJANNI, P. WARREN, S. SPBISSER, M. GNERRE, S. BERNARDI, A. SEUMOIS e A. WOLANIN.

económica. A América Latina aposta na multiplicação das comunidades eclesiais de base e no desenvolvimento de teologias de libertação. O Evangelho ou é força libertadora ou é anestesia e consolação ilusória. Medellín em 1968 foi uma concretização das orientações conciliares para a América Latina. Puebla em 1979, a seguir ao assinalável Sínodo de 1974, tem a vantagem de marcar prioridades, de que tanto carecemos nas nossas Igrejas: os pobres, os jovens, a construção de uma sociedade pluralista, a defesa dos direitos do homem.

Hoje estão no primeiro plano questões como o ecumenismo, respeito pelas religiões, diálogo com todos os homens de boa-vontade, ateísmo e secularização. Multiplicam-se as questões da relação entre evangelização e promoção humana, libertação política, progresso social, desenvolvimento económico, promoção dos direitos do homem. É vivo o debate sobre a encarnação da mensagem evangélica nas diversas culturas e a troca de dons pastorais entre dioceses.

A nova encíclica pretende dar resposta a esta problemática recente e impulsionar uma nova onda missionária.

2. Resposta da *Redemptoris Missio* à problemática recente

Depois de descrever os frutos missionários do Concílio (no n.º 2 da *Redemptoris Missio*) o Papa quer contribuir para que seja superado o enfraquecimento missionário da Igreja ao serviço dos não-cristãos. O sucessor de Pedro adverte que na história da Igreja o impulso missionário foi sinal de vitalidade e a diminuição sinal de crise (n.º 2,2).

O quadro actual é retomado no capítulo IV, n.º 32 e seguintes. As situações são consideradas complexas e apontam-se: «fenómenos tais como o urbanismo, as migrações em massa, a movimentação de refugiados, a descristianização dos países com antiga tradição cristã, a influência crescente do Evangelho em países de elevada maioria não cristã, o pulular de messianismos e de seitas religiosas» (n.º 32). Diante desta realidade o Papa define a dificuldade em aplicar categorias eclesiais do passado. Há quem fale até em «única situação missionária» (n.º 32) em todo o lugar. Eis algumas questões, a meu ver as principais, que se põe a *Redemptoris Missio* desde o seu início.

«Será actual a missão entre os não cristãos?

Não estará por acaso substituída pelo diálogo interreligioso?

Não se deverá restringir ao empenho pela promoção humana?

O respeito pela consciência e pela liberdade não exclui qualquer proposta de conversão?

Não é possível salvar-se em qualquer religião? Para quê, pois, a missão?» (n.º 4).

É a estas questões que vamos apontar respostas, embora brevemente, porque serão objecto de outras intervenções nesta semana.

2.1. Cristianismo e religiões (n.º 9-11 / n.º 29 / n.º 55-57)

Alarguemos, antes de mais a problemática: Que significado pode ter a missão na Igreja no contexto religioso e cultural que por vezes se demonstra hostil à ideia de missão?

Para que serve ainda a missão da Igreja uma vez que reconheceu às religiões não cristãs e às culturas uma certa autonomia dos valores espirituais e religiosos? Se convidou os fiéis a respeitar as convicções religiosas dos outros e os valores culturais genuínos de cada povo, onde se situa a missão?

De que modo pode a Igreja, ainda hoje, tornar válida e significativa a própria missão evangelizadora no mundo e ser sacramento universal de salvação?

A estas questões a *Redemptoris Missio* responde no capítulo I: Jesus Cristo, Único Salvador.

De facto, o juízo teológico sobre as religiões não cristãs tem consequências missionárias: «o diálogo interreligioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja» (n.º 55). Mas «o diálogo não dispensa a evangelização: (n.º 55).

O reconhecer o nível espiritual e místico de religiões não cristãs, e o que há de verdadeiro e santo no Budismo, Induísmo e Islão (...) não diminui o dever e determinação de proclamar sem hesitação que Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. (cf. n.º 55). O Papa deseja para o evangelizador a convicção de que «A Igreja é o caminho normal de salvação e só ela possui a plenitude dos meios de salvação» (n.º 55). Afastando qualquer visão de intransigência e intolerância, o Papa reconhece que elas são «um desafio positivo para a Igreja». São apelo a descobrir os sinais da presença de Cristo e da acção do Espírito e a aprofundar a identidade e o testemunho purificado pela conversão interior (cf. n.º 56).

Deus oferece a salvação a todos os homens por meio de Cristo, caminho verdade e vida. Nele os homens podem encontrar a plenitude da vida. A Igreja recebeu este dom e anuncia-o! Alegre por terno seu meio esta luz, deseja iluminar a todos. Tem consciência do *dever* de anunciar. É um *imperativo*, uma *exigência* da fé.

Há quem sustente que cada acto religioso de um não cristão possui uma dimensão salvífica, sem explicar o que se entende por *dimensão salvífica*. Segundo estes a teologia católica devia reconhecer as religiões como via de salvação.

É necessário distinguir desde já entre a possibilidade de salvação dos não cristãos e valor salvífico das religiões não cristãs.

É certíssimo que todos são chamados à salvação (LG 13). Podem salvar-se os que, sem culpa, não conhecendo o Evangelho de Cristo, se esforçam por cumprir a vontade de Deus através da própria consciência. Nós acreditamos que «o Espírito Santo concede a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de se assumir ao Mistério pascal» (GS 22). Não vivem, porém, a salvação os que, mesmo incorporados na Igreja, não aderem com o coração e não perseveram na caridade (LG 14). A Igreja não se considera, contudo, dona absoluta da salvação: é só instrumento e sacramento. Cristo é o mediador e a via de salvação (LG 14). É uma responsabilidade, mais do que um título de glória. Deixai que recorde as palavras da *Evangelii Nuntiandi*: «os homens poderão salvar-se por outros caminhos, graças à misericórdia de Deus, ainda que nós não lhes anunciemos o Evangelho; mas poder-nos-emos salvar se, por negligência, por medo, por vergonha [...] ou em consequência de ideias falsas, descuidamos o seu anúncio? Seria traír o apelo de Deus que, por voz dos ministros do Evangelho, quer fazer germinar a semente (EN 80).

O anúncio não significa intolerância. Ao testemunhar a fé com simplicidade e ao pregar a todos o Evangelho com humildade, a Igreja não faz violência à consciência e à liberdade dos homens. A dignidade humana requer que o homem e a mulher actuem segundo a própria consciência e livre escolha, sem pressão e coacção (GS 17). «Propôr a essa consciência a verdade evangélica e a salvação em Jesus Cristo, com absoluta clareza e com todo o respeito pelas opções livres que essa consciência fará (...) é uma homenagem a essa liberdade, à qual é proporcionado o escolher uma vida, que mesmo os não crentes reputam nobre e exaltante (EN 80).

Não quer impôr a verdade mas não quer também traí-la em favor de um falso respeito de liberdade.

A missão não é destruição, mas um reassumir de valores e uma nova construção (RH 12). Todos os cristãos são convidados a inspirarem-se em Cristo, o primeiro evangelizador, e nos seus apóstolos, os quais anunciaram o Evangelho «com toda a força do

espírito», conservando uma profunda estima pelo homem e pelo seu intelecto, a sua vontade, a sua consciência e a sua liberdade (RH 12).

2.2. *Inculturação nas Igrejas particulares e processo de encarnação do Evangelho nas culturas* (n.º 52-54)

Há uma tensão entre os valores tradicionais de um povo e o ideal evangélico. Nós bem sentimos na religiosidade popular esta tensão.

Como conciliar a exigência da fé e da missão recebida do Senhor e o respeito pelas pessoas que vivem nas diversas culturas?

João Paulo II usa o termo inculturação no sentido da Relação final do Sínodo de 1985: «a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas» (SÍNODOS DOS BISPOS, ASSEMBLEIA EXTR. 1985, *Relação final*, II, C, 6). Diz que é um processo profundo e globalizante porque integra não só a mensagem mas também a reflexão e a práxis da Igreja. É difícil, é «caminho lento» (n.º 52).

O ideal evangélico exige abandono, mesmo doloroso, de tudo o que é contrário e que é considerado como valor em determinada cultura. Por isso hoje há quem prefira mais falar de evangelização das culturas do que de inculturação, mas a palavra impôs-se. É ponto incontroverso que os evangelizadores devem inserir-se no mundo sócio-cultural daqueles a quem são enviados (língua, expressões culturais, valores aprendidos pela experiência directa), sem renegar a própria identidade cultural (n.º 53). As comunidades poderão recriar expressões originais dentro da compatibilidade com o Evangelho e da comunhão com a Igreja universal (n.º 54).

Não se esquece de lembrar que a cultura é fenómeno tipicamente humano. É expressão do fermento e da vida de determinado grupo humano. Há estabilidade, mas em contínua evolução. Jesus indica as imperfeições da cultura do seu povo e o absurdo de algumas tradições. A reacção natural de um povo às tentativas de imposição de modelos culturais não devia ser rigidez cultural ou absolutização de cada complexo cultural. O formalismo religioso levou Jesus à Cruz. A Cruz, não será o preço da inculturação ou da não-inculturação?

O Evangelho é capaz de enriquecer e transformar cada cultura, porque mensagem universal. São as pessoas que aderem ao ideal evangélico, que se fazem factor de progresso cultural. Como, na

lógica da fé cristã, o humano se torna cada vez mais humano, na medida em que se subordina ao divino, a missão de anúncio do ideal evangélico é exigência da fé para bem da cultura humana.

Mas, não queria terminar este breve ponto sem sublinhar uma referência da *Redemptoris Missio*: a inculturação deve implicar todo o Povo de Deus e não só peritos (n.º 54).

2.3. *Missão e promoção humana* (n.ºs 58-59)

Não perderá a Igreja o carácter eminentemente religioso da sua missão ao empenhar-se no progresso temporal da humanidade?

A resposta ao papel da promoção humana na missão evangelizadora, e a relação entre a salvação escatológica e a promoção humana eram muito sentidas pela *Evangelii Nuntiandi*.

Jesus soube unir na vida e no ensinamento estas vertentes. Tomou a sério a vida das pessoas humanas com todas as dificuldades e deu a conhecer a realidade sobrenatural a que a pessoa humana é chamada, sem ofuscar a dimensão escatológica da missão. Curou e perdoou (cf. *RM*, n.º 14).

Ao realizar a sua missão religiosa a Igreja empenha-se necessariamente na esfera social, económica e política. A justiça, a libertação, o desenvolvimento e a paz do mundo não são problemas estranhos à missão. O fim da evangelização é a salvação transcendente escatológica, que se inicia aqui e se cumpre na eternidade (*EN*, n.º 27).

O empenhamento da Igreja pela promoção humana integral baseia-se no fundamento sólido da dignidade humana. Esta, por sua vez, baseia-se na redenção do homem mediante o mistério pascal de Cristo. A promoção integral e definitiva tem a ver com a deificação do homem e com a sua suprema humanização. Não visa a multiplicação de coisas, mas sobretudo o desenvolvimento das pessoas (RH 16). A Igreja procura opôr-se a qualquer reducionismo da vida humana. Promove a verdadeira libertação indicando a vocação à salvação e ajudando a atingi-la. A Igreja, sob o exemplo de Cristo e com a sua graça, empenha-se na variedade de carismas e funções em tudo o que sirva a promoção autêntica do homem:

- aliviar a dor dos que sofrem;
- alimentar os que têm fome.

Não cessa de anunciar a Palavra de Deus, da qual o homem vive, de indicar à humanidade a realidade sobrenatural que transcende a temporaneidade da vida sobre a terra¹⁷.

¹⁷ Cf. WOLANIN, *Teologia*, 125.

Pese embora o risco de instrumentalização ideológica e partidária, reconhece-se à promoção humana um lugar saliente. Ao proclamar a verdade acerca de Cristo e do homem, aplicada ao concreto, a Igreja dá o primeiro contributo para o progresso do homem.

Com o capítulo II, dedicado ao Reino de Deus, o Papa quer clarificar e precisar esta relação entre a libertação e a salvação (RM, n.º 14). Previne contra as concepções de salvação e missão antropocêntricas ou as opostas «reino-cêntricas» (n.º 17). Esclarece ao afirmar: «O Reino de Deus não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração, mas é acima de tudo *uma Pessoa*, que tem o nome e o rosto de Jesus de Nazaré».

A Igreja não quer estar no centro. Ela converte-se ao projecto de Deus, rumo ao Reino, comprometida com o mundo.

Antes de passar ao ponto seguinte queria fazer notar que a *Redemptoris Missio* não elenca só o desenvolvimento do hemisfério Sul no combate à miséria material e subdesenvolvimento, mas refere-se à «miséria moral e espiritual causada pelo superdesenvolvimento» (na linha da carta Enc. *Sollicitudo Rei socialis*, n.º 28). Uma certa concepção religiosa da vida moderna (...) está baseada na ideia de que, para tornar o homem mais homem, basta enriquecer e elevar o crescimento técnico e económico. Mas um desenvolvimento sem alma não pode bastar ao homem e o excesso da opulência é tão nocivo como o excesso de pobreza» (RM, n.º 59).

2.4. Atitude missionária diante do mistério da conversão (n.ºs 46-47)

A conversão — regresso da pessoa ao plano de Deus — é um mistério de graça e de liberdade. Este regresso supõe uma mudança profunda no coração, a *metanoia*, para ter os critérios, a escala de valores e as atitudes de Cristo. Esta conversão é dom de Deus: compreende a fé, para viver na esperança e na caridade, abraça tanto a vida pessoal, como a comunitária e social.

Sabemos que anunciar e conduzir à salvação faz parte da primeira evangelização. O apóstolo-evangelizador vai verificando que para conseguir a conversão tem necessidade de oração e sacrifício, aceita as regras evangélicas da paciência, porque o processo é lento.

Este apelo à conversão, nota a encíclica no n.º 46 dirigido «aos não cristãos, é posto em discussão ou facilmente deixado no silêncio. Vê-se nele um acto de «proselitismo»; diz-se que basta

ajudar os homens a tornarem-se mais homens ou mais fiéis à própria religião, que basta construir comunidades capazes de trabalhar pela justiça, pela liberdade, pela paz e pela solidariedade. Esquece-se, porém que toda a pessoa tem o direito de ouvir a «Boa Nova» de Deus (n.º 46).

Realça-se o papel deste apelo nos Actos dos Apóstolos e como anda unido ao baptismo, faz apelo aos missionários para que não separem a conversão a Cristo do sacramento, limpando do caminho os obstáculos sócio-culturais ou os preconceitos por culpa dos cristãos e permitindo a abertura plena a Cristo na Igreja.

O convertido trás à Igreja não só a responsabilidade de o preparar com o catecumenado, mas também de se renovar continuamente. Aliás, o convertido trás energia nova, o entusiasmo da fé, o desejo de encontrar na própria Igreja o Evangelho vivido. (RM, n.º 47 § 4).

Se demos esta visão panorâmica foi para aprender e colher as linhas mestras para distinguir o essencial do secundário, o permanente do caduco, evidenciar as novas tendências emergentes. Não se trata de separar e muito menos opôr perspectivas, mas de integrar, indicando caminhos progressivos.

Um discernimento exigente de cada um com a sua comunidade precisará as tendências válidas, que possam ter valor orientador.

Como é nítida nesta encíclica a vontade de responder à problemática recente realcei estes quatro pontos, como última fase de uma história que é urgente continuar a escrever no futuro, sem medo de que novas perguntas nasçam, no silêncio de quem procura caminhos coerentes. Passemos então ao que chamei caminhos urgentes de uma pastoral com dimensão missionária.

3. Caminhos urgentes de uma pastoral com dimensão missionária

«Sinto chegado o momento de empregar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão *ad gentes*. Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja se pode esquivar deste dever supremo, anunciar Cristo aos povos».

São estas as palavras do Papa a encerrar a introdução da recente encíclica. São incómodas. Oxalá sejam. Deixo-vos agora com alguns pontos concretos limitados à minha visão, ainda que na procura de descobrir o que já avança em experiências merecedoras de toda a atenção e reflexão.

3.1. *Âmbitos da missão* (nn. 33-40)

A missão da Igreja apresenta, segundo a encíclica, três situações distintas de evangelização.

1) A missão *ad gentes* ou actividade missionária específica — a que se dirige «a povos, grupos humanos, contextos sócio-culturais, onde Cristo e o seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-lo a outras». (RM, n.º 33). Orienta-se para não cristãos.

2) *Cuidado pastoral da Igreja*, nas «comunidades cristãs com sólidas e adequadas estruturas eclesiais», «irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente e sentindo o compromisso universal». Destina-se aos cristãos.

3) *A nova evangelização*: «situação intermédia» nos países da antiga tradição cristã, «onde grupos inteiros de baptizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do seu Evangelho» (n.º 33). Visa baptizados sem fé viva.

Nota o Papa a dificuldade de muitas vezes estabelecer «os confins entre o cuidado pastoral dos fiéis, a nova evangelização e a actividade missionária específica. Apesar disso pede que não se perca a tensão para a tarefa primária da Igreja que é anunciar a todos os povos, até aos confins da terra (n.º 34). Mais importante é salientar a interdependência destes diversos campos.

«O dinamismo missionário permite uma troca de valores entre as Igrejas e projecta para o mundo exterior influência positiva em todos os sentidos. As Igrejas da antiga tradição cristã, por exemplo, preocupadas com a dramática tarefa da evangelização, estão mais conscientes de que não podem ser missionárias dos não cristãos de outros países e continentes, se não se preocuparem seriamente com os não cristãos da própria casa: a actividade missionária *ad intra* é sinal de autenticidade e estímulo para realizar a outra *ad extra* e vice-versa» (n.º 34, 3). A actividade missionária não tem fronteiras, mas o recente documento refere vários âmbitos dentro desta primeira forma da Igreja. Assim:

a) *Âmbitos territoriais*

Os âmbitos marcados por fronteiras territoriais continuam a merecer atenção, apesar de, em parte, estarem ultrapassados e serem provisórios. Mas João Paulo II chama a atenção para a Ásia,

África, América Latina e Oceânia onde existem várias zonas não evangelizadas. E mesmo em países tradicionalmente cristãos, há regiões confiadas ao regime especial de missão *ad gentes*. Aqui impõe-se a primeira evangelização.

Realça particularmente «o continente asiático para onde deveria orientar-se principalmente a actividade missionária» (n.º 37).

b) *Mundos e fenómenos sociais novos*

Fenómenos novos como a crescente *urbanização* fazem das grandes cidades lugares privilegiados. Aí «surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação». Não são esquecidos *os jovens*, que em alguns países são mais de metade da população. O Papa diz «não bastam os meios tradicionais da pastoral: são necessárias associações e instituições, grupos e centros específicos, iniciativas culturais e sociais para os jovens».

As migrações são o terceiro fenómeno referido. «De entre os emigrantes, os refugiados que ocupam lugar especial»... «São já muitos milhões no mundo». Fogem da opressão política e desumana, da fome, da seca e, agora, da guerra.

Em quarto lugar vêm as *situações de pobreza*, classificadas como «frequentemente intoleráveis».

O anúncio de Cristo e do Reino de Deus deve tornar-se instrumento de redenção humana para estas populações: cidades, jovens, migrantes e pobres.

c) *Áreas culturais ou modernos areópagos*

O areópago é tomado como símbolo dos novos ambientes. Na época de S. Paulo era «o centro de cultura do douto povo ateniense». Hoje corresponde ao *mundo das comunicações*.

«As novas gerações (principalmente elas) crescem num mundo condicionado pelos mass media». «A evangelização da cultura moderna dependem da sua influência».

O Papa julga necessário integrar a mensagem nesta «nova cultura», criada pelas modernas comunicações.

Outros areópagos são *o empenhamento pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo minorias; a promoção da mulher e da criança; a protecção da natureza*.

Desassombadamente o Papa afirma: «a missão *ad gentes* está ainda no começo» (n.º 40). A urgência da atenção missionária vai para áreas geográficas como o Oriente, o crescimento geográfico

no Sul, ambientes culturais à margem do influxo evangélico. Estes são os âmbitos alargados que cada comunidade diocesana deverá elencar e definir.

3.2. *Corresponsabilidade missionária de toda a acção pastoral* (n.º 61-76)

A tarefa missionária é tão ingente e decisiva que requer verdadeiramente a participação de todos os fiéis. É necessário impelir todos os baptizados à nova evangelização e pôr toda a Igreja em estado de missão. Trata-se de orientar toda a vida comunitária para a animação missionária.

Dado por adquirido que há um carisma específico de vocação missionária, que traduz e expressa concretamente o dever de anunciar o Evangelho a todos os povos, há em todos os agentes pastorais a necessidade de viver esta dimensão.

O que caracteriza a vocação especificamente missionária é, segundo Wolanin, a universalidade dos lugares a que se dirige e a totalidade da vida em dedicação à causa. O ministro «é enviado a quem está longe não dele, mas de Cristo»¹⁸.

Os missionários «são o paradigma do compromisso missionário da Igreja, que sempre tem necessidade de doações radicais e totais, de impulsos novos e corajosos». São necessários não só para a actividade, como também para a animação missionária de Igrejas da antiga cristandade.

A responsabilidade do mandato da missão universal cabe ao Colégio dos Bispos tendo à cabeça o sucessor de Pedro. Este tem-se posto «a caminho pelas estradas do mundo para anunciar o Evangelho, para «confirmar os irmãos» na fé, para consolar a Igreja, para ir ao encontro do homem» (diz-se no n.º 63 da *RM*).

Cada bispo realiza a missão evangelizadora não só indo a terras de missão longínquas, mas trabalhando na própria diocese, promovendo, dirigindo e coordenando a obra missionária. Cada Igreja particular deverá abrir-se generosamente à comunhão entre as Igrejas, incrementando vocações missionárias, enviando os melhores padres a outras dioceses com falta de clero.

Os sacerdotes diocesanos sejam, portanto, formados para olhar mais além dos limites da própria diocese, nação, rito, e lançar-se na ajuda das necessidades de toda a Igreja. Todos devem ter coração e mentalidade missionária, estar abertos aos mais

afastados e sobretudo aos grupos não cristãos do próprio ambiente. Na oração e na Eucaristia sintam a solicitude de toda a Igreja pela humanidade inteira. «Não se lhe confie só o cuidado pastoral da comunidade cristã, mas também e sobretudo a evangelização dos que formam parte da grei». Terão o espírito de serviço para se deslocarem, se o bispo lhes pedir. Isso traduz força e vitalidade de fé.

São reconhecidos pelo Papa os grandes méritos das famílias religiosas na propagação de fé e formação de novas igrejas. Convida a prosseguir e alargar a acção (pela necessidade de dar a conhecer a vivência dos valores evangélicos). A virgindade pelo Reino traduz-se em fonte de maternidade segundo o espírito (*RM*, n.º 69-70).

Deseja que «muitas jovens mulheres cristãs sintam o atractivo de se entregarem a Cristo, com generosidade, encontrando na sua consagração força e alegria para dar testemunho dele entre os povos que o não conheçam» (*RM*, n.º 70).

A participação dos leigos na expansão da fé aparece claramente desde os primeiros tempos do cristianismo por obra dos fiéis, das famílias e das comunidades. Pio XII já recordava esta actividade na *Evangelii praecones*.

É conhecido o trabalho desenvolvido nas escolas, na vida política, social, cultural e no ensino da doutrina cristã. O Concílio confirmou esta tradição. Tem tido acolhimento o movimento dos *Leigos para o Desenvolvimento*. Nascido no âmbito do Centro Universitário António Vieira, dos Jesuítas, em Lisboa. Trata-se de recém-formados que dão o seu contributo profissional. Começaram por S. Tomé. Passarão a Moçambique. Já estiveram três jovens da diocese do Porto a dar a sua colaboração por algum tempo.

O *Maranatha*, animado pelo Padre Bernardino Queirós, é uma comunidade de leigos alicerçados pelo Evangelho, com experiência comunitária que partem desde 1982 como animadores de comunidades. São actualmente 5 em missão. Têm estado em Nampula, Angola, Brasil, porquanto sei. São meros exemplos, simples dados do que conheço.

Segundo a *Redemptoris Missio* os *Movimentos eclesiais* dotados de dinamismo missionário são de desenvolver. «Quando se integram com humildade na vida das Igrejas locais e são acolhidos condicionalmente por bispos e sacerdotes nas estruturas diocesanas e paroquiais, representam um verdadeiro dom de Deus para a nova evangelização e para a actividade missionária» (*RM*, n.º 72).

¹⁸ *Ibid.*, 133.

Recomenda-se a difusão e utilização destes movimentos para dar novo vigor à vida cristã e à evangelização, com visão pluralista de modos.

Incluiria nesta dimensão movimentos como *Metanoia*, *Cursos de cristandade*, que se têm mobilizado para que o Evangelho chegue a sectores da vida profissional. A este campo ligaria, ainda, a recente, mas prometedora, realidade que é a Pastoral Universitária, dinamizada pelo Padre António Bacelar e que vem alongar uma presença que até há pouco se deixava aos vários movimentos com destaque para a eficácia e seriedade do MCE (Movimento Católico de Estudantes) e ainda a verdadeiramente heróica e resistente presença da LOC e da JOC no tão difícil meio operário. Perdoai que só refira estes que me ocorrem.

3.3. Redimensionamento dos ministérios e opção por pequenas comunidades onde todos sejam corresponsáveis

Ficou evidente, no ponto anterior, como a abertura a uma dimensão missionária vitaliza a acção pastoral.

Ora, a estrutura ministerial das comunidades cristãs não permaneceu fixa, mas sofreu variações adaptando-se à diversidade das situações histórico-políticas em que vive¹⁹.

É sabido que, com a imposição da religião cristã à todo o Império no final do séc. IV, os ministérios adquirem a estrutura de tipo imperial, com acentuada estatização, praxe celibatária e reacção monástica. Veio depois a estrutura feudal com o Bispo-Senhor a dominar as paróquias rurais, surgiram os benefícios, deu-se a separação entre clero e povo e a sacerdotização do monaquismo. O novo tipo de civilização comunal do séc. XIII fez gerar abertura de ministérios eclesiais. Nasceram novas ordens com vida apostólica, não já monástica. São ministros da palavra, mais do que do culto, cruzados da fé não das armas.

Os abusos crescentes do clero (não residência, acumulação de benefícios) provocou a reforma de Lutero. O sacerdócio existe por ele em força da função, derivante da comunidade e não do sacramento da *Ordem* nem da Hierarquia. O Concílio de Trento afirmou a necessidade da Igreja ser estruturada hierarquicamente e ter diversos ministérios. Sente necessidade de formar espiritualmente o clero e surgem os Seminários em 1563.

¹⁹ Ver sobre este tema P. GIGLUNI, *Ministeri e missione*, in *Missiologia oggi*, 292-322.

A visão hierárquica piramidal só com o II Concílio do Vaticano é alterada. Surge uma visão orgânica e teológica dos ministérios.

A Igreja vive pela força regeneradora do Espírito. O Espírito chama homens e mulheres à fé, santifica-os com dons, desperta a força de testemunhar o Evangelho e concede dons complementares para o bem comum, manifestos em serviço para a Igreja e para o mundo. Além dos ministérios ordenados (bispo, presbítero e diácono, sob a forma de diácono permanente felizmente em breve entre nós) e dos ministérios laicais instituídos: de leitor e acólito (para os quais se prepara já um bom grupo) há ministérios laicais de facto, como é o caso do catequista tão fundamental na actividade da Igreja, quer para a implantação desta, quer para a promoção permanente da comunidade cristã. Há ainda os ministérios de iniciação cristã como prevê o novo *Rito de iniciação cristã dos adultos*: a comunidade cristã no seu todo, o ministério dos pais, padrinhos e do garante (*OICA*, n.º 41-43).

Há perspectivas abertas no vasto espaço ministerial:

— ministério da família e dos cônjuges na preparação de noivos, na catequese familiar, na promoção de vocações, no crescimento da fé dos filhos!

— ministério de caridade: assistência aos doentes particularmente incuráveis, consolo de qualquer aflicção humana, luta contra a droga, contra a sida.

Lembro que na Igreja o maior é aquele que serve, antes de referir que todas as formas ministeriais não instituídas estão abertas à participação de mulheres e isto interessa à missão, também do ponto vista ecuménico. E isto não é por concessão ou suplência, mas porque baptizadas e confirmadas, pela competência pessoal e pela positividade da sua feminilidade. O Novo Código do Direito Canónico abre amplos espaços à ministerialidade da mulher. (Can. 230 § 2, § 3; 911 § 2; *Rito da exéquias* n.º 19; Can. 1112, § 1.2 — matrimónio).

A Igreja é chamada a crescer, mediante a colaboração orgânica e a harmonia operante dos diversos ministérios que tendem à edificação do Corpo de Cristo.

Importa encorajar, ter respeito e acolhimento pelas novas formas de responsabilidade que surgem na Igreja. A Igreja missionária é chamada a uma atitude de confiante e colaborante abertura ao futuro de Deus?

O Papa salienta o papel das comunidades eclesiais de base como centros de formação cristã e de irradiação missionária. «Campos de cristãos que se reúnem para a oração, leitura da

Escritura, catequese, para partilhar problemas humanos eclesiais diante de um compromisso comum. São sinal de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e evangelização, ponto de partida válido para uma nova sociedade fundada sobre a «civilização do Amor». (RM, n. 51).

São ainda raras entre nós estas comunidades, mas experiências como a da Serra do Pilar, pela crescente maturidade e pelo serviço prestado à presença do Evangelho na cultura, são de multiplicar sem repetições, sempre, porém, em encarnação da mensagem no ambiente.

3.4. O testemunho e a coordenação pastoral, sinais eficazes da pastoral missionária

De entre os caminhos urgentes de uma pastoral com dimensão missionária, a encíclica *Redemptoris Missio* coloca o testemunho como primeira forma. Não vou insistir neste ponto pois todos experimentamos a sua verdade, mas não é só a vida do missionário ou do evangelizador, com «seus limites e defeitos humanos» que é sinal de Deus (cf. n.º 42), mas a própria vida da comunidade eclesial, o tipo de opções, a coordenação de serviços.

Penso que não poderemos caminhar para uma comunidade eclesial missionária quer sem o redimensionamento dos ministérios à luz da missão, quer sem uma coordenação pastoral de todas as forças, para libertar colaboração em ordem à evangelização universal e para potenciar as capacidades existentes.

A coordenação pastoral (ministérios, carismas, instituições) aprofunda a comunhão ou fraternidade que é sinal eficaz de evangelização. A comunhão fraterna ajuda a adquirir uma atitude de generosidade e de perfeição. Da comunhão e da generosidade rebenta a disponibilidade missionária, sem condicionamentos e sem fronteiras, e a garantia de autenticidade na vida eclesial.

Quando há espírito missionário, a distribuição dos apóstolos é feita com mais harmonia e coerência. Não se trata certamente de esperar ter número suficiente, mas de partilhar os dons existentes com as outras Igrejas, em espírito de corresponsabilidade.

O espírito da troca recíproca de dons entre Igrejas locais e pobres, sem açambarcar a capacidade de dar ou de se reduzir a simplesmente receber, é uma constante da *Redemptoris Missio*.

Os enviados, com o tempo, enriquecerão a sua comunidade com novas experiências missionárias, com novas vocações e com

uma mais forte disponibilidade no seu interior para qualquer trabalho apostólico sobretudo entre os pobres²⁰.

A nível de sensibilização e educação para a partilha e cooperação económica existe entre nós a Associação *África Solidariedade*, fundada em 31 de Maio de 1989. Mais antigo, porque data de 1977, é o *Grupo de Apoio do Porto à Diocese de Cabinda* que visa proporcionar ao povo cabindês uma promoção global. Tem apoiado particularmente o seminário e a acção de alguns padres, há seis anos integrados na nova diocese de Cabinda.

3.5. Criação ou renovação de formas de primeiro anúncio: «prioridade permanente» (RM, n. 44).

Todas as formas da actividade missionária têm esta base, este centro insubstituível, este vértice dinâmico, «tendem para esta proclamação que revela e introduz no mistério»...

«A fé nasce do anúncio, e cada comunidade eclesial consolida-se e vive da resposta pessoal de cada fiel a esse anúncio». (RM, n. 44), lembra a recente carta encíclica.

Este anúncio de Cristo crucificado, morto e ressuscitado deve inserir-se no contexto vital das pessoas que o recebem, com amor por quem o escuta e uma linguagem concreta e adaptada. Será necessário fazê-lo, em comunhão com a comunidade e não a título pessoal (RM, n.º 44).

Há-de suscitar entusiasmo e fervor, porque animado pela confiança no Espírito presente no ouvinte e na força misteriosa da Palavra. Não se pode esquecer que toda a pessoa tem o direito de escutar a *Boa-Nova* de Deus que se revela e se dá em Cristo para realizar na plenitude a própria vocação.

Como actualizar este anúncio?

As circunstâncias de séculos anteriores deram lugar às chamadas missões populares, que com veste nova tiveram frutos pós-conciliares, também na diocese do Porto, e que hoje continuam a desempenhar um papel fundamental na evangelização do Alentejo, particularmente na diocese de Beja. Novos métodos, novas temáticas são de inventar. Há Congregações Religiosas, como por exemplo, os Redentoristas e os Vicentinos particularmente experientes neste campo.

Será o terreno a evangelizar que determinará as tarefas concretas da missão.

²⁰ Cf. J. ESQUERDA-BIFET, *Teologia pastorale dell' animazione missionaria*, in *Missiologia oggi*, 92-93.

A pregação missionária é exigente. Mas se teólogos e missionários se meterem resolutamente ao trabalho e à oração vão conseguir.

3.6. *Promoção da experiência catecumenal para uma formação responsável dos agentes da missão*

Trazia já um século de experiência nalguns locais, quando foi decretado o regresso ao catecumenado, pelo II Concílio do Vaticano. A catequese pós-conciliar foi chamada a uma decisiva viragem de um conteúdo teórico-doutrinal a uma mensagem mais bíblica e existencial, de um ensinamento e explicação do catecismo à experiência de conversão e escola de interpretação cristã das situações da vida, da instrução religiosa à educação da fé e amadurecimento da vida cristã, duma experiência circunscrita a uma idade a catequese permanente, de formação religiosa reduzida apenas a uma relação individual com Deus ao amadurecimento de uma fé comunitária e socialmente relevante²¹.

A nova evangelização, a que somos chamados, incrementará o número de catequistas para intensificar a acção catequética. (A preparação cuidadosa leva ao potenciamento de escolas (RM, n. 73).

A forma catecumenal é praticada já por alguns movimentos. Experiências de catequese para juventude e formas de preparação para o Crisma seguem o esquema catecumenal. O esforço de D. Manuel Pelino e do Doutor António Marto para a publicação de um conjunto de catequistas merece ser registado como um óptimo serviço à formação séria do laicado. Será de incentivar a experiência catecumenal para que cada cristão se descubra responsável pela missão da Igreja e pela animação cristã da história. Uma catequese autêntica levará à descoberta da missionariedade, do autêntico caminho de conversão, iniciação ao testemunho, educação para o diálogo, formação para a comunhão, será, enfim, animada pelo espírito missionário.

4. Renovação da missiologia histórica

Resta este último tópico que não vão levar a mal a um amante da história. É que também na forma de escrever a história das missões há responsabilidades²².

²¹ Cf. G. CAVALOTTO, *Catechesi missionaria*, in *Missiologia oggi*, 287-288.

²² Confrontar para este ponto o artigo cheio de sugestões e novas perspectivas: Jean PIROTTE, *Évangélisation et cultures: Pour un renouveau de la missiologie historique*, in *Revue Th. de Louvain* 17 (1986) 419-443.

Desde o fim do séc. XIX até à primeira guerra mundial aparece uma literatura, apologética, quase hagiográfica. Tal literatura ressent-se do renascimento missionário marcado pelo romantismo e expansão colonial. Entre as duas guerras desenvolve-se a missiologia. Desde Schmidlin, com a sua primeira cadeira de missiologia católica, criada em 1911, até às encíclicas de Bento XV e Pio XI, constitui-se uma ciência missionária baseada na reflexão teológica, conhecimento das condições de evangelização e de culturas locais, às quais a mensagem se adaptava e nas quais a Igreja se implantava.

Um terceiro período começa nos anos 60 com as descolonizações e consequências pós-conciliares. Durante dois decénios perde-se o pé. Afirma-se o diálogo ecuménico, mas as críticas às estruturas coloniais e às missões, vistas como sistema de pressão proselitista, ganham terreno.

Os anos oitenta, após uma benéfica purificação, avançam com a ajuda concreta do saber das ciências humanas e o estudo científico dos problemas colocados pela inculturação do cristianismo ao longo da história. Pirotte considera que existem neste momento três níveis de preocupações missiológicas:

- 1) a mentalidade do missionário, a sua visão do mundo;
- 2) a reacção criadora do destinatário (perturbações no universo ético-político, as rupturas da conversão), as tentativas conseguidas de inculturação;
- 3) o encontro de culturas traz ao mensageiro enriquecimento, que dá à missão papel de «intermediário cultural».

Várias pistas de investigação surgem sobre os agentes de missão. Quem dirige na retaguarda, lança directivas, tenta impôr orientações e estratégias. Qual o papel de Roma: coordenador ou centralizador? Os bispos aparecem desinteressados do tema, desconfiados ou solícitos? Qual o apoio dos movimentos de generosidade laical? Qual a influência dos místicos, como Teresa de Lisieux? Há diferença entre origem geográfica e as actividades realizadas pelos missionários. Qual a acção das mulheres, dos religiosos e dos leigos? Estudos sobre a cartografia missionária revelarão a constituição de zonas de influência de determinadas congregações. A duração da missão e da vida dos missionários, as causas da mortalidade (clima, epidemias, morte violenta ou esgotamento precoce) são assunto a estudar. Como se caracteriza a consciência missionária dos agentes, que objectivos persegue através de cartas, de revistas, de reflexões. Que teologia e antropologia está subjacente ao discurso missionário? Qual o comportamento dos missionários face aos

movimentos de libertação? Qual a diferença na recente literatura africana, na arte, nos cânticos?

A apreciação dos métodos missionários é um tema interessante.

Qual o peso das instituições missionárias a nível escolar e científico? Como se verifica, por este elenco sumário, é particularmente rico, variado e aberto para o historiador, como para o sociólogo e o teólogo o campo de encontro das religiões e civilizações, da germinação do cristianismo no húmus das diversas culturas. É indispensável um olhar crítico sobre a história para uma reflexão válida para hoje e base da invenção do futuro.

CONCLUSÃO

Como já vai longa a exposição, termino com uma palavra de esperança.

À pergunta feita no esquema: *Se cada comunidade eclesial não pode deixar de ser missionária, como recriar o entusiasmo pela missão universal e pela nova evangelização?* espero que cada um dos presentes, no silêncio da oração e na reflexão comunitária, encontre respostas à medida da sua responsabilidade, para que toda a Igreja se comprometa no novo advento missionário, com uma evangelização em profundidade. «A esperança cristã nos sustenta no compromisso» (RM, n.º 86) ao aproximar-se o terceiro milénio.

Anunciar o Evangelho longe ou perto, dentro ou fora de nós é sempre passar uma fronteira, fazer encontro, pôr liberdades em diálogo, criar movimento, fazer acontecer Igreja.

Será que vamos aceitar o convite do Papa para organizar a pastoral em função da dimensão missionária?

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO

Abstracts

Paul POUPARD — *Église et cultures: L'Évangile au coeur de l'homme et de l'humanité* — Igreja e culturas; o Evangelho no coração do homem e da humanidade. 121-140

No dealbar do terceiro milénio o tema Igreja e culturas é importante, complexo e vasto. A partir da análise do magistério, desde o II Concílio do Vaticano ao Papa João Paulo II, sublinham-se as linhas fundamentais do recente caminho evangelizador da Igreja, que passa pelo mistério do homem, ser de cultura. A relação entre fé e cultura é exposta nas tensões e benefícios permanentes, sempre na fidelidade quer à universalidade da missão, quer à encarnação da fé cristã nas diversas culturas e no coração de cada homem, sujeito de cultura.

The church and cultures: the Gospel in the heart of man and mankind as well. 121-140

At the dawn of the third millennium, the subject *Church and cultures* is paramount, difficult and huge. Since the study of teaching, from the second Vatican Council to pope John Paul II, are underlined the basical trends of the recent church evangelizing way, which seizes man, being of culture.

The faith and culture relation is explained through constant tensions and benefits, always paying attention both to the universality of the mission and to the incarnation of the christian faith in various cultures and in every man's heart, who is the subject of culture.

Paul POUPARD — *L'Église face aux défis de l'an 2000* — A Igreja perante os desafios do ano 2000. 141-161

Com perspectiva de esperança, analisam-se os desafios culturais: pluralismo num mundo multi-cultural, ideologias em crise e vazios de valores e modelos. Respon-